

# EDNA O'BRIEN

## PEQUENAS CADEIRAS VERMELHAS

«Esta é a obra-prima da grande Edna O'Brien.»

PHILIP ROTH



cavalo de ferro

COM GRATIDÃO A  
Zrinka Bralo  
Ed Vulliamy  
Mary Martin (seis anos de idade)

Pouco pode alguém sozinho contra a história.

ROBERTO BOLAÑO

O lobo tem direito ao cordeiro.

*A Grinalda da Montanha* (saga sérvia)

A 6 de Abril de 2012, para assinalar o vigésimo aniversário do início do cerco de Saraievo por parte de forças servo-bósnias, dispuseram-se 11 541 cadeiras vermelhas em filas ao longo dos 800 metros da rua principal da cidade. Uma cadeira vazia por cada habitante de Saraievo morto durante os 1425 dias de cerco. 643 cadeiras mais pequenas representaram as crianças mortas por atiradores furtivos e pela artilharia pesada, disparada a partir das montanhas em redor.

## **PRIMEIRA PARTE**

## Cloonoila

*Lavou os cabelos emaranhados, limpou as armas,  
lançou as grenhas para trás das costas. Pôs de lado os sujos  
arreios, vestiu-se de lavado, ajustou a túnica fimbada  
e afivelou um cinto.<sup>1</sup>*

A vila deve o seu nome ao rio. A corrente, veloz e perigosa, agita-se com uma exultação maníaca, transportando no dorso pedaços de madeira e de gelo. Nas pequenas laterais onde a água fica presa, há pedras, azuis, negras e roxas, perfeitamente lisas e arredondadas, cujo brilho salta para fora do leito do rio. É como ver uma ninhada de ovos de tamanho generoso no fundo de um balde de água. O ruído é ensurdecedor.

Dos ramos mais finos das grandes árvores no Folk Park, o gelo que derrete pinga produzindo um sussurro suave, e a escultura de aros metálicos, um mono aos olhos de muitos habitantes locais, é melhorada por um colar disperso de sinelos, azulados naquela noite gélida. Se tivesse avançado mais um pouco, o estrangeiro teria visto bandeiras de vários países, revelando o quão cosmopolita o local se tornou. Num gesto nostálgico, há máquinas agrícolas antigas, uma ceifeira-debulhadora, uma roda de água e uma réplica de uma casa rural irlandesa, do tempo em que os camponeses viviam em casbres e se alimentavam de urtigas para sobreviver.

<sup>1</sup> *Épico de Gilgameš*, trad. Francisco Luís Parreira, Assírio e Alvim, Lisboa, 2017, p. 99. [N. T.]

Ele detém-se junto à margem, aparentemente hipnotizado pela água.

De barba, luvas brancas e com um sobretudo escuro e comprido, pára sobre a ponte estreita e olha para a corrente que ruga lá em baixo, e depois olha em volta, parecendo um pouco perdido. A sua presença é a única curiosidade na monotonia de uma noite de Inverno num vilarejo gelado chamado Cloonoila.

Muito tempo depois, haveria quem relatasse estranhas ocorrências naquela mesma noite de Inverno; cães a latir tresloucadamente, como se houvesse trovoada, e o som do rouxinol, cujo canto e chilreio nunca se ouvira tão a oeste. A filha pequena de uma família cigana que vivia numa caravana junto ao mar jurou ter visto o Homem Pooka<sup>2</sup> a aproximar-se dela pela janela, de machado em riste.

Dara, um jovem de cabelo espetado empastado de gel, fica radiante ao ouvir alguém a tentar abrir o trinco da porta e pensa *Até que enfim, um cliente*. Com as malditas leis sobre condução sob o efeito de álcool, o negócio vai mal. Há homens casados e solteiros nas redondezas, sedentos de uns copos de cerveja mas demasiado receosos para arriscar, com guardas a controlarem cada gole que dão, a aniquilarem as pequenas alegrias da vida.

– Boa noite – diz ele, quando lhe abre a porta, põe a cabeça de fora e faz referência ao horrível estado do tempo. Em seguida, ambos os homens, numa iniciação de camaradagem, ali ficam e enchem os pulmões de forma máscula.

Ao olhar mais atentamente para a figura, Dara sentiu que deveria genuflectir perante ela, qual ser venerável com barba e cabelos brancos, de sobretudo negro comprido. Usava luvas brancas, que retirou devagar, dedo por dedo, e olhou em volta inquieto, como se estivesse a ser observado. Foi convidado a sentar-se no cadeirão

<sup>2</sup> Criatura da mitologia e do folclore celta. [N. T.]

bom, de pele, junto à lareira, e Dara atirou para lá alguns briquetes e uma pitada de açúcar, para atizar o lume. Era o mínimo que podia fazer por um estranho. Tinha vindo perguntar por alojamento, e Dara diz-lhe que «vai puxar pela cabeça». A seguir, prepara-lhe um *whisky* quente, com cravinho e mel, tendo os Pogues como banda sonora, mais selvagens do que nunca. Acende alguns cotos de velas para dar «ambiente». O estranho recusa o *whisky* e pergunta se pode pedir antes um *brandy*, que agita no seu grande copo de balão e engole sem dizer uma palavra. Falador por natureza, Dara desfia a sua história pessoal, para fazer conversa.

– A minha mãe, uma santa, o meu pai, muito a favor de associações recreativas juvenis mas muito contra drogas e álcool... a minha sobrinha, a menina dos meus olhos, começou agora a primária, tem uma amiga nova chamada Jennifer... eu trabalho em dois bares, aqui, no TJ's, e no Castle, aos fins-de semana... vão futebolistas ao Castle, homens a valer... Tirei uma fotografia com um deles, li a autobiografia do Pelé, impressionante... Vou a Inglaterra, a Wembley, ver um amigável com Inglaterra... já comprámos os bilhetes de avião, somos seis, ficamos num *hostel*, vai ser espectacular. Vou ao ginásio, faço um pouco de cardio, umas pranchas, adoro o meu trabalho... o meu lema é «falha na preparação, prepara-te para falhar»... Nunca bebo em serviço, mas gosto de um bom copo de *Guinness* quando saio com os rapazes, gosto de bola, também gosto de cinema... vi um ótimo filme, com o Christian Bale, ele é o Cavaleiro das Trevas e tudo isso, mas eu não curto terror, isso não.

O visitante mexe-se um pouco e olha em volta, parecendo intrigado com o *bric-à-brac* nos recantos, coisas que Mona, a proprietária, foi juntando ao longo dos anos: garrafas de cerveja, embalagens de cigarros e charutos com letras decorativas, um pequeno barril em cerâmica com uma boca dourada e o nome da região espanhola de onde veio, e, em honra de um dia triste, uma tabuleta de madeira entalhada onde se lê «Perigo: Estrume Fundo». Essa lembrança, explicou Dara, estava relacionada com um



agricultor em Killamuck que tinha caído na sua fossa de estrume numa noite escura, os seus dois filhos foram atrás, para tentar salvá-lo, e a seguir foi o cão deles, o *Che*, mas morreram todos afogados.

– Muito triste, muito triste tudo aquilo – diz ele.

Já não sabe mais o que fazer, coça a cabeça com um lápis e anota os nomes das várias pensões, lamentando que a maioria delas esteja encerrada devido ao Inverno. Tentou a Diarmuid, depois a Grainne, mas ninguém atendeu, e noutros três sítios é o atendedor de chamadas quem responde, dizendo sem cerimónias a quem liga para não deixar recado. Depois, lembrou-se de Fifi, que era uma personagem desde os tempos em que estivera na Austrália, mas não estava em casa. Provavelmente, como ele disse, estaria numa actividade qualquer de meditação ou de cânticos, sempre muito *New Age*, interessada no prana e no carma e coisas dessas. A sua última hipótese é o Country House Hotel, embora ele soubesse que estavam fechados e que o casal se preparava para partir numa viagem à Índia, com o propósito de fazer uma caminhada pelo país. Quem atendeu foi Iseult, a mulher.

– Nem pensar. Nem pensar. – Mas, com um pouco de falinhas mansas, cede, uma noite, só uma noite. Ele conhecia-a. Ia lá entregar coisas, vinho e peixe fresco do cais, incluindo lavagante. A sua alameda tinha quilómetros de extensão, com curvas e contracurvas, ensombrada por árvores antigas e colossais, um parque de cervos de um dos lados e o seu próprio troço de rio, irmão do rio que passava pela vila, uma ponte em arco, e, depois, mais alameda por ali fora até ao seu relvado, onde os pavões passeavam e andavam na sua vida. Uma vez, ao sair da carrinha, deparara com uma cena digna de se ver, um pavão de cauda aberta, como uma concertina, o verde e o azul tão ricos como vitrais, um verdadeiro desfilar. Alguns dos hóspedes, ao que parece, queixavam-se do som dos pavões, à noite, dizendo que se assemelhava ao choro de uma criança aflita, mas as pessoas, acrescentou, metem coisas esquisitas na cabeça.

Um jovem entrou, para observar a figura estranha de óculos escuros, e depois saiu, perdido de riso. A seguir, uma das irmãs Muggivan entrou e tentou meter conversa, mas ele estava perdido no seu mundo, ocupado com os seus próprios pensamentos e a murmurar para si mesmo, noutra língua. Depois de ela se ir embora, o forasteiro descontraiu um pouco, deixou que o sobretudo lhe deslizesse dos ombros e disse que estava em viagem há muitos dias, mas não referiu de onde tinha vindo. Dara serviu-lhe uma segunda bebida, desta vez mais generoso com a medida, e disse que podiam abrir uma conta em seu nome, pois esperava que ele voltasse muitas vezes.

– É uma honra tê-lo cá. – E deixou o homem cansado sozinho com as suas meditações; escreveu no pequeno livro de registos a data e anotou os dois *brandies*. O visitante disse que na sua região do mundo o *brandy* se fazia com ameixas e abrunhos, era conhecido como *rajika*, e tinha, no mínimo, um teor alcoólico de 40%. Era obrigatório em baptismos, casamentos e junto à campá de guerreiros.

– Obrigatório. – Dara saboreou a robustez daquela palavra. – E que região do mundo será essa? – atreveu-se a perguntar.

– Montenegro.

A menção de Montenegro recordou-lhe outro estranho oriundo de lá, um eremita, vivia num casarão com vista para o mar e passeava os cães muito cedo todas as manhãs. A sua morte prematura, com sessenta e poucos anos, foi um tanto suspeita. Três pessoas apenas, junto à sepultura em Limerick, três pessoas encolhidas debaixo do mesmo guarda-chuva. Nunca o conhecera, mas tinha ouvido o sargento contar várias histórias que davam a entender que ele era procurado noutra sítio. Não lhe pareceu que fosse uma boa história para contar ao visitante.

Tinha saído de detrás do balcão, embaçado, como mais tarde diria, pela sagacidade deste homem, pelo seu conhecimento, uma universidade ambulante. Ouviu-o falar da paisagem lindíssima de Montenegro, montanhas que rivalizavam com os Alpes,

desfiladeiros profundos, lagos glaciais a que se chamavam os olhos das serras, e vales com erva abundante. Esculpidas nas rochas havia pequenas igrejas e mosteiros, sem janelas, onde as pessoas se deslocavam para rezar, do mesmo modo que os irlandeses rezavam. Os celtas, haviam-lhe dito, tinham vivido nos desfiladeiros das montanhas dolomitas e ao longo do rio Drina séculos antes do nascimento de Cristo, e o laço entre a Irlanda e os Balcãs era indisputável. Os académicos que tinham estudado os hieróglifos em pergaminhos e artefactos em vários museus tinham comprovado a semelhança no tipo de armamento e de armaduras usadas.

– Então, o vosso povo sofreu injustiças, tal como o meu – disse ele.

– Oh, sofreremos sim... A minha mãe, que é de Kerry, costumava falar-nos do massacre de Ballyseedy, nove homens atados uns aos outros e uma granada posta no meio deles. Só sobreviveu um, o meu avô, e ele aparecia à minha mãe todos os anos naquela data, 24 de Março, juro por Deus... aparecia-lhe aos pés da cama.

Ao ouvi-lo, o estranho ponderou e baixou a cabeça, compadecido.

– Conhece Siddhartha? – diz ele ao fim de um longo silêncio.

– Bom, não propriamente – respondeu Dara.

Siddhartha, disse-lhe ele, viveu há milhares de anos e um dia, num concurso de lavradio<sup>3</sup>, teve uma visão em que o sofrimento de toda a humanidade lhe foi revelado e foi-lhe dito que tinha de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para aliviar esse sofrimento. Embora ele não fosse Siddhartha, apressou-se o estranho a dizer, também ele tinha mudado de rumo a meio da sua vida. Retirou-se para diversos mosteiros, procurando meditar e orar. A questão que o intrigava era como recuperar aquilo que tinha perdido. Aquilo que o homem moderno perdeu, chamemos-lhe alma, chamemos-lhe harmonia, chamemos-lhe Deus. Ao retirar-se do mundo e entregando-se ao tapete mágico da aprendizagem, ele entrou no

<sup>3</sup> *Ploughing match*, no original. Estas competições são uma prática comum na Irlanda, existindo inclusivamente um campeonato nacional. [N. T.]

jardim florido do conhecimento, do esoterismo, da adivinhação onírica e do transe. Depois de estudo aturado, chegou a uma observação simples, que é a analogia dos opostos, e foi daí que lhe veio a ideia de aliar a medicina antiga à ciência moderna, uma síntese do velho e do novo, um enriquecido pelo outro.

– É o que vos trago – disse ele, e estendeu a mão em sinal de garantia.

– Caramba – foi a única palavra que ocorreu a Dara.

– Foi uma mulher que me trouxe até cá – disse ele, com uma pitada de malandrice, descrevendo como certa noite, num mosteiro, lhe aparecera uma mulher de semblante pálido, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto, dizendo «venho da Irlanda», incitando-o a ir até lá. Dara, com os seus conhecimentos superficiais de história, respondeu que a mulher chorosa era muito conhecida, que constava de todos os manuais escolares, e que se chamava Aisling, nome que significava «sonho». A seguir, recebeu o cartão-de-visita do forasteiro, com o nome «Dr. Vladimir Dragan» escrito a negro, a que se seguia uma série de títulos académicos. Mais abaixo, leu «Curandeiro e Terapeuta Sexual».

– Mas sou conhecido por Vuk – disse o homem, com um ligeiro sorriso. Vuk era um nome comum para os filhos rapazes na sua terra, devido à lenda a ele associada, sobre uma mulher que perdera vários filhos de seguida, optando por chamar Vuk ao seu recém-nascido, que significa «lobo», porque as bruxas que «comiam» os bebés teriam demasiado medo para confrontar a criança-lobo.

Estavam a dar-se muito bem quando, para suprema irritação de Dara, o maldito telefone tocou. Era Iseult, da pousada, a querer saber a que horas chegaria o hóspede e se patas de caranguejo estariam bem para o seu jantar.

No umbral e sob uma nesga de lua, ficou a ver o homem descer a estrada escorregadia, com o gelo a quebrar-se sob os seus pés, os passos cada vez mais inaudíveis à medida que atravessava a ponte, afastando-se do rugido do rio, em direcção ao rio irmão,

muito menos veloz. Encheu os pulmões de ar, preparando-se, sabendo que agora o bar ia encher e que teria de relatar o encontro, pormenor a pormenor.

Desiree foi a primeira, uma rapariga corpulenta com o seu vestido curto cor-de-rosa, braços robustos à mostra e um casaco sobre a cabeça, sequiosa por notícias.

– Céus, bem que eu precisava de um tipo, há mais de seis meses que não tenho ninguém – disse ela, curiosa quanto à aparência e ao estado civil do homem. Tinha aliança? A seguir, chegaram as irmãs Muggivan, com os seus casacos cinzentos e os seus barretes tricotados, pedindo licor de menta. Fifi chegou com algumas das suas amigas, e Mona, alertada pela vozearia, desceu da parte da casa onde vivia e, como qualquer outro cliente, sentou-se num dos bancos altos e pediu o mesmo do costume, que era um *Porto* generoso com uma rodela de laranja. Viúva há mais de vinte anos, vestia-se sempre bem, com vestidos de crepe escuros decorados com um pequeno ramo de violetas em tecido, no seu peito pródigo, e falava com uma voz suave e ofegante. Havia dois pilares na vida de Mona: um era o Padre Pio, em quem tinha uma fé inabalável, o outro eram os romances de cordel, dos quais nunca se fartava. Devorava-os como devorava *fudge*, na cama, à noite, e olhando em volta constatou com satisfação que o bar estava a encher, pois as coisas tinham andado paradas desde o Natal. Também lá estavam o polícia Vagaroso, Diarmuid, o ex-director da escola, e Dante, o *punk* da vila, com as suas *rastas* e a sua indumentária preta, ladeado pelos parceiros: Ned, que estivera preso por cultivar *marijuana* em floreiras de janela, e Ambrose, que cumprira pena por roubar canos de cobre ao empreiteiro para quem trabalhava. O negócio tinha animado. Tomado pelo entusiasmo, Dara anunciou com orgulho que o estranho era um cavalheiro, um cavalheiro a sério, até à ponta dos seus sapatos bicudos. Em breve, tinha-os a todos na palma da mão, à medida que ia compondo o retrato, acrescentando uns floreados, como os olhos hipnotizantes

do sujeito, os seus dedos compridos, expressivos como os de um pianista, e o anel de sinete com o brasão de uma águia, vermelho como a cera de lacrar. Embora fosse um cavalheiro, como teve de lhes lembrar, tinha também a aura de um daqueles homens santos, peregrinos que costumavam andar em viagem, descalços, a fazer o bem. Referiu o *brandy* de ameixa, *rajika*, que era obrigatório em baptismos, casamentos e junto à campa de guerreiros, e como os Balcãs e a Irlanda haviam tido, em tempos longínquos, antepassados comuns.

Seria o forasteiro um daqueles tubarões, a especular em busca de gás ou petróleo, pronto a esventrar as suas terras verdejantes?

– Nada disso... é médico, filósofo, poeta e curandeiro.

– Jasus, títulos não lhe faltam – disse o polícia Vagaroso, chegando às suas próprias conclusões. Já perto da reforma, e um pouco gozado nas costas pelos colegas, só era destacado para missões de pouca importância, faróis fundidos ou ovelhas perdidas, mas sentiu no seu âmagô que este visitante era duvidoso, um burlão, ou talvez um bígamo.

– De onde é ele? – perguntou Mona.

– Montenegro – respondeu Dara, e depois contou a história de os celtas irlandeses e balcânicos serem irmãos de sangue e como os artefactos encontrados nos campos, etcétera, eram parecidos com os que se tinham desenterrado à volta do Rio Boyne.

– Tretas – disse Desiree.

– Ele vai ficar por cá... – disse Dara, satisfeito com o seu sentido de oportunidade, e depois largou a bomba acerca de o homem tencionar abrir um consultório como curandeiro alternativo e terapeuta sexual.

– Mãe do céu – disseram as meninas Muggivan, benzendo-se.

– Oh, oh, oh... Terapeuta sexual. – Os ânimos exaltaram-se. Havia quem intuisse vício e corrupção, enquanto algumas vozes isoladas insistiam que ele podia ser uma «via» para o bem. Gritavam as suas razões uns aos outros. Foi demais para Diarmuid, ex-director

da escola, que tinha escutado aquele mexerico e, agora, pedia-lhes a oportunidade de exprimir uma opinião sensata e mediadora:

– Houve um homem chamado Rasputine – começou ele, caminhando de um lado para o outro, reprovador e intransigente, ainda no papel de director, só que agora já ninguém o olhava com assombro – que veio das estepes da Sibéria e se infiltrou no núcleo da corte russa, apresentando-se como visionário e curandeiro. Ele ia tirar a Rússia da sua letargia e da sua treva, ia curar o filho enfermo da czarina, o futuro herdeiro, da sua hemofilia, e ia realizar milagres sem fim. Curou o herdeiro? Não. Salvou a família real do pelotão de fuzilamento? Não. Era um fornicador e um impostor que se embebedava todas as noites e que tinha conhecimento carnal da maioria das mulheres da corte.

Podia ouvir risinhos e as pessoas a remexerem-se no seu lugar, mas, determinado a dizer de sua justiça, enquanto se encaminhava para a porta avisou-os de que a última refeição de Rasputine foi um prato de biscoitos cobertos com cianeto.

– Que ótima história, Diarmuid – disse Mona, tentando que ele ficasse, pois nunca gostava que um cliente se fosse embora arreliado.

Dante tinha estado a ouvir e naquele momento, com a anuência de Mona, começou a tocar o *bodhrán*<sup>4</sup>, com o cabelo castanho macio a cair-lhe sobre o rosto e a sua equipa à espera da deixa. Os pedidos de *Irish coffee* não paravam de chegar. Dara recebia elogios por conseguir falar ao mesmo tempo que equilibrava as natas nas costas da colher, antes de estas deslizarem para dentro do café. A música tornou-se mais ruidosa, com mais estampidos, os companheiros a fazerem os seus *scherzos* e trinados com as colheres, enquanto Desiree improvisava um *striptease* a fingir. Dante, de pé, andava de um lado para o outro, pairando por cima de cada um, feito xamã, a sussurrar a profecia:

4 Instrumento musical de percussão irlandês semelhante a um pandeiro. [N. T.]

*O Pai Natal não veio  
Quem o substituiu foi o irmão  
O Pai Natal morreu  
O Pai Natal morreu  
Foi o que ele disse  
Aniquilado no seu trenó  
Foi o que ele disse.  
Assim é, meu filho  
Assim é  
Uma cena bem macabra.*

Mona, agora nostálgica e um pouco tocada no seu poleiro, pressionou as violetas contra o peito e disse:

– Talvez ele traga um pouco de romance às nossas vidas.

Lá fora, o termómetro no portão do Folk Park anunciava três graus negativos, enquanto no interior eles se deleitavam com o calor de uma lareira acesa desde a manhã. Espirais fumarentas pairavam pela sala, os rostos curiosos, joviais, sonhadores, estavam emoldurados pelo fumo, como seres enredados num estranho bacanal nocturno.



## Fifi

Fifi acordou a ouvir vozes. Só podia ser John, morto há quase três anos e ainda a visitá-la regularmente, a «transmitir», como ele lhe chamaria. Era como se estivesse vivo, ela conseguia imaginá-lo com tanta clareza, com o seu cabelo preto despenteado, olhos negros selvagens e a velha camisola verde esfiapada nas mangas, arengando os mistérios do Divino, dos quais ele era um iniciado.

Nunca temeu o seu fantasma, só podia ser uma influência benigna. Eles eram almas-gêmeas, tendo ambos viajado pelo mundo, regressando depois das suas deambulações às neblinas marinhas e às neblinas terrestres, à treva dos Fomorianos, como ele dizia. Não tinham tido nada de romântico, claro, ela admitia pesarosamente que era «uma passa seca» depois de todo o sol australiano, ao passo que John, com a sua cabeleira e os seus olhos selvagens ainda era Orfeu, a cantar para uma qualquer Eurídice solitária e abandonada, quem quer que ela fosse.

Ah, os maravilhosos disparates daquele tempo.

Viveu durante dois anos debaixo do seu tecto, no quarto das traseiras, que ele baptizou de Manaán Mac Lir, Filho do Mar e Deus do Mar. Encarregava-se do trabalho duro, cavar e sachar, satisfeito por poder fazê-lo, já que isso o mantinha próximo da natureza, e à noite dedicava-se aos seus estudos místicos. O acordo inicial era dormida e pequeno-almoço, mas as coisas foram mudando com o tempo e de vez em quando ele até lhe trazia uma lebre ou uma truta que ela cozinhava e sentavam-se à mesa da cozinha, a conversar, com John a discorrer sobre Deus, paganismo, Gaia, e S. João

da Cruz. Muitas vezes, contradizia-se, dizendo que o caminho para a religião era não ter religião alguma, e quase davam murros na mesa, gritando um com o outro, discutindo a autenticidade do Nascimento sem Pecado e da Ressurreição de Cristo. Ela era crente, mas, para John, a verdadeira fé era a poesia.

Ele não aprovava os seus visitantes de Verão, acampados no sapal ou junto ao mar, e ia dar um ou outro curso a escolas de Verão, que Fifi estava demasiado ocupada para frequentar. Os hóspedes voltavam ano após ano, alguns por causa da pesca, outros pela caça ou por festivais que havia o ano inteiro, além de caminhadas na natureza e sabe-se lá mais o quê.

Os seus pequenos-almoços eram lendários, com toda a trupe, à excepção de John, sentada à comprida mesa de carvalho, com a sua melhor porcelana, guardanapos de pano mornos por ter acabado de os engomar, dobrando-os de modo a parecerem um grande envelope com a aba dobrada, cabendo na perfeição no espaço entre a sequência de talheres de prata. Eram recebidos com o cheiro de pão de batata e *scones* acabados de fazer, mel das suas próprias colmeias e compotas e geleias de vários sabores. Ela obrigava-os a tomarem aqueles pequenos-almoços quer quisessem quer não, e depois despedia-se deles quando partiam para as suas várias actividades.

Deixar o seu pequeno «templo», como John lhe chamava, foi o grande erro da sua vida, porque morreu pouco tempo depois disso, e Fifi sempre disse que ele tinha morrido de saudades de casa. Deu-se o caso de um *pub* próximo, fechado durante muitos anos, ter sido leiloado, renovado e reaberto. O barulho dos carros e dos clientes durante a noite davam com ele em doido. Ela ouvia-o no seu quarto, a praguejar, gritando por ter sido arrancado aos seus sonhos paradisíacos. Partiu para sul, para onde achou que encontraria paz, mas uma pedreira nas imediações foi reactivada e, depois disso, era ruído de homens e maquinaria o dia inteiro.

– Que tens tu para me dizer, John? – perguntou ela, sentando-se na cama e vestindo um casaco de malha, pois o quarto estava

gelado. Com o dedo grande do pé, carregou no interruptor do candeeiro de chão e depois calçou as suas pantufas cor-de-rosa. Descendo para tomar a sua primeira chávena de chá, viu *Bibi*, a pequena *dachshund*, com as suas artimanhas, à espera do primeiro pires de leite com um farrapo de chá misturado. Como as pessoas, a *Bibi* intuía coisas, sabia que a sua dona partiria em breve e largava a correr à menor oportunidade. Janeiro era o mês de fechar as portadas e de ir até Leenane, ter com Mickey, o cesteiro, para reaprender a fazer berços e cestos em vime.

O som da campainha apanhou-a de surpresa – «Encerrados até início de temporada», lia-se no letreiro de cartão no parapeito interior da janela da estufa. Dirigiu-se à porta com um ovo na mão, que talvez cozesse ou não para o pequeno-almoço, e ao ver a figura ali parada, como uma imagem de Moisés, lembrou-se da diversão no *pub* na véspera e excluiu o facto de ter misturado *gin* com *Irish coffees*.

– Bom dia... O Dara disse-me que viesse até cá – disse ele, num tom sereno e cortês.

– Bom dia... O Dara não devia tê-lo mandado até cá – respondeu ela, azeda. Fez-se silêncio durante um momento, enquanto ele admirava a vista, o rio, à medida que se alargava, redes para enguias, armadilhas para caranguejos e lavagantes, e dois cisnes tão parados que pareciam de porcelana. O próprio horizonte enevoadado parecia repousar sobre os cumes das montanhas. – Janeiro é o mês em que faço as pinturas e renovo a decoração – disse ela, como forma de se desculpar por não o acolher.

– A sua casa é muito fora do comum – respondeu ele.

– Oh, está a cair aos bocados – disse, mas sentiu-se orgulhosa por ouvi-lo. A casa tinha dois andares numa parte e um andar apenas na restante área, e, ao lado, uma estufa em forma de meia-lua e ruínas de casas rurais. Havia um jardim em frente a casa, com arbustos decorativos, e um jardim nas traseiras voltado para um declive que ia dar ao bosque. Tinham passado quinze anos desde

que a comprara, a casa que os seus antepassados haviam deixado, paredes onde nasciam cogumelos, baratas por todo o lado, e, no entanto, ela sabia que, algures no tempo, um homem ou uma mulher ali nascidos, em circunstâncias duras, era responsável pelos salpicos negros nos seus olhos castanhos e pela sua natureza susceptível.

A manhã estava luminosa e límpida, o sol reluzia nos arbustos, em algumas rosas caninas dispersas que tinham sobrevivido ao Inverno e nos focinhos verdes do açafão, a espreitarem por entre a terra. Convidou-o a ir à volta para lhe mostrar as limeiras, as macieiras e o bonito relógio de sol, com o seu pavão com verdete, que viera de uma casa senhorial em County Wicklow. Apontado para as ruínas dos três casebres, contou-lhe que um dia os transformaria em apartamentos para artistas. Subitamente, olhou em volta e não viu *Bibi*. A cadela tinha fugido, provavelmente para a propriedade em torno do Castle, como snobe que era, para se misturar com a realeza. Primeiro, ligou para o *pub*, mas disseram-lhe que não havia sinal dela, a seguir tentou todos os outros sítios, chamando por ela, persuadindo-a a aparecer, e depois soprou um apito, emitindo um som estridente e peremptório. *Bibi*, temia ela, podia ser roubada ou envenenada, porque havia muito quem lha cobiçasse.

Ele ajudou-a na busca, que os levou ao bosque, onde se moveram sem fazer barulho, atentos ao menor som. Junto às raízes de uma bétula, ele reparou que as folhas tinham sido remexidas e que havia um pouco de terra à mostra. Curvou-se para ouvir e disse que tinha escutado qualquer coisa.

– Ela está lá em baixo – afirmou.

– E porque é que não sai?

– É a mãe natureza – e explicou-lhe como o mais provável era ela ter entrado na toca, perseguindo o cheiro de uma ratazana ou de um arminho, com todos os seus sentidos alerta, a ponto de conseguir passar pelo buraco de uma agulha, de tanto querer lá entrar. Mas sair era uma coisa completamente diferente. A adrenalina já se

dissipara. Sorte a sua, disse, por terem dado com ela tão depressa, porque se tivesse de esperar que passassem vários dias até ficar magra a ponto de conseguir passar, provavelmente morreria de sede.

Ele manobrou a pá devagar, até a terra gelada começar a ceder, e depois, com uma pequena pá de jardinagem, continuou a escavar, com cuidado para não partir quaisquer ossos, e quando o buraco alargou o suficiente, alcançou-a com as mãos e tirou-a de lá com cuidado. Estava um farrapo, enlameada, com uma orelha rasgada e a tremer de alto a baixo.

– Passou por muito – disse ele.

– A minha pequena exploradora – disse Fifi, aninhando-a nos braços, e regressaram em silêncio. Pousaram-na numa banheira de água morna, Fifi a lavá-la com uma esponja e ele a cortar as unhas de *Bibi* que se tinham partido nas tentativas de escavar. Ainda tremia, como se não soubesse onde estava, e reagiu mal quando lhe tiraram a terra das narinas usando pinças.

Ele foi rapidamente posto à-vontade, admirou os objectos na cozinha, a cómoda antiga pintada de verde, as várias chávenas e canecas, pratos encostados ao fundo e pires para compota em vidro de um branco que lembrava vaselina, partilhando um pequeno-almoço robusto.

Fifi sentou-se do lado oposto da mesa, cortando as hastes de salgueiro em pedaços quase idênticos, ao mesmo tempo que lhe tirava as medidas. Era um homem bonito, não havia qualquer dúvida, um janota, o seu lenço de bolso em seda escarlata a condizer com o vermelho mais discreto da sua gravata de seda. Deu por si a falar de John e da inspiração que ele tinha sido. Por impulso, foi buscar a caixa de sapatos onde guardava fotografias dele, a sorrir como um jogral, dizeres que ele tinha copiado dos *Upanishads* e coisas que ele próprio havia escrito. O visitante leu-as, visivelmente impressionado, e depois repetiu-as em voz alta:

«Se me melhorar um pouco a mim mesmo, melhoro um pouco de ti, pois estamos todos unidos na lei Cósmica do Divino.

Oh, minha mãe, Ásia dos Sutas do Coração, guia-me.

Voltemos ao Reino Alado de Conaire Mor, onde todas as coisas vivem Ecumenicamente umas com as outras, humanos e animais unidos com a natureza no grande plano Divino.»

– Ele viveu cá? – perguntou.

– Viveu... – respondeu ela, orgulhosa, mas antes que as coisas ficassem demasiado espirituais, disse que John podia ser um demónio quando bebia e descreveu-o com os copos às sextas-feiras à noite, com Fergal, outro Orfeu, os dois na mesma bicicleta, a pararem na colina, junto ao leito das enguias, com Fergal a dizer «Estás quase em casa, John» e John a responder: «Sim, já só faltam algumas qui'lontas».

No quarto Manaan Mac Lir, olhou pela janela, como John olhara tantas vezes, contemplando as macieiras, as ruínas dos casebres e o bosque onde as pequenas bétulas tinham aguentado a fúria de muitos Invernos.

– Agora estamos no Silêncio – disse o Dr. Vlad, e aquela visão dele, de pé, tão solene, tão episcopal e, contudo, tão masculino, tocou-a de um modo que já havia esquecido.

Nesse momento, ele disse-lhe que a manhã tinha sido muito agradável e enriquecedora, a qual não esqueceria. Foi quanto bastou para a convencer.

Combinaram um preço de cem euros por semana e, quisera o destino que assim fosse, agora ele podia cuidar de *Bibi* e das suas seis galinhas enquanto ela mantinha a promessa de ir ter com Mickey a Leenane.

Ficou a vê-lo percorrer o caminho, ágil, costas direitas, e pensou que as mulheres de Cloonoila, casadas e solteiras, lhe cairiam aos pés.

– É por ti, John – disse ela, num raro reconhecimento da sua solidão.

## Homens de Fé

– Péssima... uma manhã péssima, completamente.

As ondas abatem-se sobre as rochas com um impacto vingativo, atingindo o passeio marítimo, ensopando tudo à sua frente.

Porém, há dois bravos que as enfrentam, um Padre Damien jovem, de sandálias castanhas e sotaina, e o Dr. Vladimir, com um sobretudo comprido, cachecol vermelho, luvas brancas e óculos escuros de armação de aço brilhante. O vento levanta a sotaina do padre, que esvoaça à sua frente, abafando as suas poucas palavras desajeitadas.

Ele é novo nesta paróquia, tendo sido chamado subitamente a casa, quando um padre morreu de aneurisma e o segundo, demasiado amigo dos animais, passava mais tempo nas corridas de cães do que a cumprir os seus deveres pastorais, acabando por se mudar. Que saudades tem do seu trabalho nos bairros de lata de Leeds e Manchester, essa era a sua verdadeira vocação, ajudar os pobres, dar-lhes esperança, e não estas pequenas quezílias.

Passam pelo dispensador de sacos para dejectos caninos, com as suas grandes ondas pretas a chicotear os bancos já molhados, e encaminham-se para as dunas. Tinham concordado que era preferível conversar ao ar-livre, porque no Castle ou no TJ's haveria sempre quem estivesse à escuta, ou, como disse o Padre Damien graciosamente, «as paredes têm ouvidos».

– Prevaricação – volta o médico a pronunciar, de voz melíflua mas modos directos. Surpreendera-se com a palavra ao ouvi-la pela primeira vez, quando o jovem padre lhe fez uma visita

inesperada e frenética, pronunciando-a arrebatadamente, no seu consultório. Sem perder tempo, consultou o seu dicionário, leu a definição e percebeu que não augurava nada de bom. «Prevaricação: Má conduta ou malfeitoria, especialmente quando praticada por um funcionário público; acção intencional que lesa outra parte.» Copiara-a para o seu bloco de notas, e agora lê-a enquanto pingos de chuva atingem a página.

– O bispo está apreensivo – diz o Padre Damien, desculpando-se.

– Lamento que assim seja – responde o médico, calmamente.

– A questão é... corre por aí a informação de que tenciona exercer a actividade de terapeuta sexual, só que estamos num país católico e a castidade é o nosso mandamento número um.

– Mas com certeza... – Ele assegura ao seu amigo que no seu país, os seus queridos Balcãs, durante milhares de anos travaram-se guerras para defender a fé contra os infiéis.

– Do ponto de vista do bispo – prossegue o Padre Damien –, temos de estar sempre vigilantes, e a terapia sexual dá uma imagem errada... experiências novas... deleites... desvios... – e naquele ponto a voz cede-lhe, com a vergonha. Está dividido entre a deferência e o dever, e entre o seu gaguejar e o alheamento do médico, escondido atrás daqueles óculos escuros, o olhar de ambos nunca se cruza, pelo que não sabe se está a fazer progressos ou não.

– Não se esqueça de que fiz o juramento de Hipócrates – disse ele, e relatou a promessa feita a Apolo, aos deuses e deusas da cura, sempre ciente da defesa dos padrões éticos. Quanto à intimidade, adiantou, era impensável, mantém-se sempre longe da sedução ou dos prazeres do amor com os pacientes, sejam homens ou mulheres.

– Mas o senhor é alternativo e isso implica muitas ideias inovadoras... e uma pitada de darwinismo, talvez – diz o Padre Damien, tristemente desconfortável na sua pele.

O aceitável e o alternativo (é-lhe dito) andam a par e passo, um salto prodigioso devido às descobertas na neurociência e na física cognitiva, uma ressonância acústica, uma dança entre partículas



no interior do corpo, através da qual a doença pode ser travada, com as células boas, quais bons soldados, a lutarem contra as células más. Ele é messiânico no seu entusiasmo, cita os segredos que há nas plantas, nos fetos, na pevide de um girassol, nas entranhas de um caroço de nectarina, prevendo que chegará o dia em que a medicina permitirá aos pacientes ouvirem o som da própria alma.

– Isso é espantoso – diz o padre. Está totalmente perplexo, agora. «Defixi». A palavra usada pelo bispo ecoa-lhe nos ouvidos, o termo latino para «fixar», «prender», com origem nos pregos que se usavam na Roma Antiga para afixar placas com maldições a inimigos. «Defixi». Está semicego com a chuva e o chão está cheio de buracos, o que o faz vacilar quando deveria caminhar direito. – Não quero insistir nesta questão – diz ele –, mas imaginando que havia um homem ou uma mulher deitados no seu divã com as palavras «terapeuta sexual» a pairarem-lhes no espírito, não lhe parece que poderiam estar à espera de algo – e, aqui, arqueja ao pronunciar a palavra – «depravado»?

– Agradeço que tenha posto a questão de forma tão sucinta, mas deixe-me que lhe diga que não estou aqui para desviar almas ou corpos à sua confissão. Estou aqui para praticar o bem.

– É que, sabe, muitas pessoas sentem um vazio nas suas vidas... casamentos em que se perde a paixão... encontros combinados pela Internet... nudez... hedonismo... as coisas que eu já ouvi na confissão...

– Bom, isso é para o confessor, entre eles e o senhor padre, não entre mim e eles.

– A Igreja Ortodoxa tem confissão? – perguntou o padre, reunindo alguma coragem.

– Sim e não... Na nossa jurisdição antioquense, todos os padres têm a possibilidade de ouvir a confissão, mas nem todos os padres escolhem fazê-lo.

– O meu bispo não irá nisso... o arrependimento pelos pecados está-nos no ADN.

– Devo recordar que nós também reconhecemos os sete sacramentos, incluindo a penitência, a que vocês chamam confissão, e o sacramento da extrema-unção.

– Mas está a transmitir uma mensagem incendiária... é o lenço vermelho agitado diante do touro gaulês.

– Ah – exclama o médico. Agora compreende, já não vê através de uma lente escura, decifrou o enigma. O papão é a «terapia sexual».

– Porque não apagá-lo? – diz ele ao seu interrogador aflito.

Não podia ser mais simples. Ele manda imprimir cartões-de-visita novos, que esclareçam as disciplinas e os métodos rigorosos do seu trabalho.

– Aleluia... o bispo dormirá em paz, esta noite – diz o Padre Damien, com excessiva cobardia.

– Dormiremos todos em paz, esta noite – responde o médico, enquanto limpa os salpicos das suas lentes com um lenço seco.

Estão quase de acordo, à excepção de um último obstáculo. O Padre Damien imagina-se no palácio do bispo, no salão de recepções, o bispo com o seu olhar gélido e o seu nariz pontiagudo, o padre de paróquia a transpirar, e todos os outros clérigos irascíveis a julgá-lo. O importante, agora, é percebermos a diferença entre as igrejas Católica e Ortodoxa.

O médico acolhe bem a pergunta, reconhecendo diferenças e quase-diferenças ao longo dos séculos, que levaram a cismas e ao dualismo, acrescentando que muitas delas foram apenas uma questão de interpretação, mas os sábios de ambos os lados não quiseram ceder. Como exemplo, diz que, para uma, Deus é essência, e, para outra, Deus é experiência, mas para ambas Platão é o ladrão da verdade e Cristo o seu mensageiro. Em seguida, glorifica o casamento indissolúvel entre as igrejas, quando, em 1964, no Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI se encontrou com o Patriarca Atenágoras para finalmente porem de parte as suas disputas, e proclamou ao mundo inteiro: «Agora, respiramos com ambos os pulmões.»

A Igreja Católica Romana, prosseguiu ele, era mais empírica; a Ortodoxa, mais mística. Para uma, o Inferno era um local físico e para outra era o desespero da alma e a exclusão da visão de Deus. Para a ceia mística da comunhão, Roma escolhe pão levedado, ou *zymo*, e a Ortodoxa escolhe pão não levedado, ázimo. Contudo, ambas as igrejas remontam às Sagradas Escrituras, quando, no ano 310, o Imperador Constantino viu o símbolo «Chi-Ro» no céu, sendo o «X» e o «P» as iniciais da palavra grega para Cristo. Daí em diante, sentiu-se compelido a lutar sob o estandarte cristão, coisa que fez, alcançando a vitória sobre Maxêncio e, mais tarde, pedindo para ser batizado. A prova desta conversão foi os seus restos mortais terem sido depositados ao lado dos restos mortais dos Doze Apóstolos, num sarcófago, em Patmos, tornando-o no Décimo Terceiro Apóstolo.

Ouvindo falar em Patmos, o Padre Damien pensa em sol, águas azul-turquesa, bosques de cedros e os restos mortais dos santos, aninhados sob vidro e ouro, com cetim branco à volta do queixo, para disfarçar o amarelo encarquilhado da sua pele, emanando piedade. Mas fica chocado ao ouvir que todas aquelas ossadas desapareceram, sem que restasse sequer uma costela, devido a séculos de guerra, pilhagem, roubos e saques.

– E quanto a relíquias? – diz ele, horrorizado.

– Quanto a relíquias! – é a resposta, e ambos suspiram.

O Padre Damien já está a redigir mentalmente o seu relatório para o bispo e para os padres. Eles vão engolir a questão de se respirar com ambos os pulmões, debater-se um pouco com a ideia de o Inferno ser um local físico para Roma e, para os ortodoxos, a exclusão da visão de Deus, mas o Concílio Vaticano II vai ser o seu trunfo. Não vai referir Platão. Ficarão intrigados ao ouvir falar de Constantino junto aos Doze Apóstolos. Constantino, que também teve uma visão da Transfiguração no Monte Tabor, a mesma visão revelada aos Apóstolos que seguiram Cristo.

– Pergunto-me... – diz ele em voz alta, e o médico pergunta-se por ele e com ele. É o seguinte. Ele, Damien, gostaria que um

ramo de oliveira fosse estendido à comunidade. Imaginemos que faziam uma reunião pública, não a partir do altar, mas, por exemplo, na sala do TJs, onde os fiéis poderiam fazer as suas perguntas e receber respostas, desfazer qualquer equívoco que ainda persistisse.

– Uma sessão de perguntas e respostas – disse o médico, de forma entusiástica. Ele está desejoso de conhecer os habitantes locais, pois tenciona fazer de Cloonoila o seu lar, pressentindo na vila a sua inocência primitiva, algo que já se perdeu na maioria dos locais do mundo.

Aquilo arruma a questão para o Padre Damien. Tem o impulso repentino de abraçar o homem, mas contém-no, ajoelha-se na erva molhada, recitando do Credo: *Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; Gerado, não criado, consubstancial ao Pai*. O médico repete a oração na sua própria língua, para grande edificação de um cãozito maltrapilho que, por instantes, deixa de ladrar.

Depois levantam-se, limpam os joelhos e, com a camaradagem de homens que finalmente se compreenderam um ao outro, começam a respirar, segundo o mantra do Papa Paulo VI e do Patriarca Atenágoras: «Agora, respiramos com ambos os pulmões.»

O céu desabou, com chuva oblíqua e fustigadora, enquanto caminhavam de volta, em silêncio, com os pés a chapinharem nas poças. Junto ao passeio marítimo, cruzam-se com Fidelma, a mulher do negociante de tecidos, bem agasalhada com uma gabardina cinzenta e uma gola de pele, com a cara molhada.

– O que faz por aqui numa manhã tão feia com esta? – pergunta o Padre Damien.

– Adoro isto... adoro a chuva – responde ela, ao passar, e o médico cumprimenta-a com uma vénia aristocrática.

– Uma ótima pessoa... uma ótima família cristã – diz o padre quando ela se afasta o suficiente, e seguem caminho, sacudidos para um lado e para o outro pela tempestade desvairada.

No parque de estacionamento, constatam que ambos os conjuntos de limpa-pára-brisas foram arrancados dos carros e atirados para o chão, e que o novo rádio do padre foi roubado.

– Gente nova... não têm mais que fazer – diz o Padre Damien, como se fosse responsável pela moral de toda a comunidade.

Com orgulho, tira do bolso um pequeno telemóvel e liga para uma oficina em Sligo, onde tem um contacto. Ouve, sorri, termina a chamada e recita, como que enfeitizado:

– «Ele enviará os seus anjos e estes se reunirão.»

Numa fria noite de Inverno, Vlad Dragan, um enigmático estrangeiro oriundo dos Balcãs, refugia-se na aldeia de Cloonoila, na costa irlandesa. Assume-se como poeta e curandeiro, capaz de tratar doenças e problemas sexuais. A sua personalidade magnética conquista de imediato a pequena comunidade, em especial seduz Fidelma McBride, uma mulher apaixonada, que lhe implora pelo filho que não consegue ter com o marido. Contudo, a verdadeira identidade de Vlad não tardará a ser revelada, arrastando consigo consequências trágicas para o destino de Fidelma.

Aclamada como uma das obras mais marcantes de Edna O'Brien, *Pequenas Cadeiras Vermelhas* assinala o regresso da escritora irlandesa ao romance. Um livro sobre a natureza do mal e o fascínio do homem pela crueldade, que reflecte ao mesmo tempo sobre a redenção e a inevitável procura do amor.

**«Uma invenção arrojada, situada na fronteira sangrenta onde mundos colidem: selvagem, terno e verdadeiro.»**

**John Banville**

**«Impressionante... Um romance notável...  
Uma experiência vital e fascinante.»**

***The New Yorker***



cavalo de ferro